

O DISCURSO POÉTICO/RELIGIOSO NA LINGUAGEM ADELIANA: UM RESGATE DA CONDIÇÃO FEMININA

Francineide Batista de Sousa Pedrosa – Graduada – UEPB/Campus IV

RESUMO

O discurso poético/religioso adeliانو traz um resgate da condição feminina por meio de metáforas e simbologias usada pela linguagem poética. Em um tempo em que a mulher sofre com as imposições masculinas seja no âmbito familiar, social ou religioso. Adélia Prado, através do eu lírico, representa as vozes das mulheres que, por uma questão de gênero não tem oportunidade de se expressarem linguisticamente. Para a reflexão sobre o assunto fez-se uma pesquisa bibliográfica, usando como aporte teórico as obras da própria autora (PRADO, 1991; 2006); e outras como: Queiroz (1994); Miranda (2000); Frei Betto (2000); Eliade (2001), que ajudaram a identificar aspectos relevantes que denotam um apelo de igualdade pela condição feminina. Conclui-se que, diante das dificuldades impostas socialmente às mulheres da década de 70, o eu lírico adeliانو se sobressai no campo do poético e deixa impresso por meio da poesia seu grito silencioso de protesto.

Palavras – chave: Condição feminina. Eu lírico. Linguagem poética.

ABSTRACT

The poetic speech / religious adeliانو brings a ransom of womanhood through metaphors and symbols used by the poetic language. In a time when a woman suffers from the charges is male in the family, social or religious. Adelia Prado, through the lyrical I, represents the voices of many women who, for reasons of gender has no opportunity to express themselves linguistically. For reflection on the subject became a literature search, using as the theoretical works of the author herself (PRADO, 1991, 2006), and others such as: Queiroz (1994), Miranda (2000), Frei Betto (2000); Eliade (2001), which helped identify important aspects that denote a call for equality for female condition. We conclude that, despite the difficulties imposed socially, women of the 70's the lyrical I adeliانو excels on the field and let the poetic form of poetry through his silent scream of protest.

Keywords: Female condition. Lyric I. Poetic language.

1 INTRODUÇÃO

“No devaneio do poeta, o mundo é imaginado, diretamente imaginado” (BACHELARD, 2006, p. 167), da mesma forma em que a metáfora que atravessa a cozinha perpassa esse imaginário, abriga-se na poesia e desvela-se por meio da linguagem poética. No paradoxo da representação simbólica - de um lado matéria; de outro sentimento – a imagem atravessa o ser sensível e atinge diretamente o caminho da reflexão.

Em Adélia as imagens se harmonizam formando um todo significativo, que precisa, além das palavras, da imaginação poética. A lírica adeliана só vem “provar que o devaneio nos dá o mundo de uma alma, que uma imagem poética testemunha uma alma que descobre o seu mundo, o mundo onde ela gostaria de viver, onde ela é digna de viver” (BACHELARD, 2006, p. 15), imersa em um cotidiano que transcende o real e deságua no mundo onírico.

No entanto, em meio ao sonho, ao devaneio, a linguagem adeliана esbarra em um universo que poderíamos denominar real, ou, semelhante à realidade, visto que traduz os anseios de mulheres que, por se fazerem presentes em uma sociedade machista, não têm vez nem voz. É por meio do discurso poético que a autora eleva seu brado frente a um mundo que predomina a masculinidade e em que a mulher não pode ou não deve igualar-se ao homem sob pena de serem ridicularizadas.

A linguagem poética de Adélia não exclui o masculino, ela trata simplesmente da mulher como ser humano que precisa ser respeitado igualmente. Dessa forma, não recusa o papel do homem na sociedade como pai, chefe de família, irmão, marido, mas, mostra que, apesar de ser mulher possui os mesmos direitos frente ao sexo oposto.

O objetivo desse trabalho é refletir, a partir do discurso poético adeliânico, sobre a posição da mulher na década de 70, que por força da sociedade não tinha, na maioria das vezes, coragem para reivindicar seus direitos de igualdade como seres humanos que precisam ser respeitados em sua condição de gênero. O discurso adeliânico, por meio da poesia, dá voz a essas mulheres, mostrando-lhes que independente de sexo, todos possuem os mesmos direitos perante aos olhos do Criador, e que a discriminação está na concepção daqueles que preferem fazer essa distinção.

2 ADÉLIA: “UMA DAMA REQUINTADA E ESQUISITA”

“Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: esta é a lei, não dos homens, mais de Deus”. A voz de Carlos Drummond de Andrade define a mulher poeta, que faz poesia como faz bom tempo. Uma mulher simples de Divinópolis que tem por nome de batismo Adélia Luzia Prado de Freitas, casada, mãe de filhos, religiosa, filósofa, uma mulher, como ela mesma se autodenomina, “requintada e esquisita”.

Indicados por Carlos Drummond de Andrade, seus textos passam a fazer parte do universo poético da década de 1970. Sua escrita marcada pelo modernismo traz os

elementos do cotidiano em uma poética extremamente voltada para o universo feminino, sem, contudo, fugir dos valores sociais da época.

Apesar de ter uma forte ligação com a independência da mulher, sua poética inclui o oposto como símbolo da união da família, e figuras como o marido, o pai permeia a sua poesia. “Ela cria e descreve um mundo onde predomina a feminilidade, mas cabe o homem em sua plenitude, singelo, viril, tocável, rijo e cantante, sem nenhuma ameaça” (MIRANDA, 2000, p. 131-132).

Adélia defende a condição feminina, sem, no entanto, deixar de reconhecer a importância do masculino, como ela mesma afirma em entrevista quando se refere à religião, “a questão do direito da mulher eu não discuto. Falo sobre isso com sentimento. Eu acho mais bonito o homem ser celebrante. Acho bonita a investidura do homem. Para mim, o masculino é realmente o sexo primeiro” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000, p. 37).

E na mesma entrevista, quando é interrogada sobre sua relação com o feminismo, ela afirma: “O lugar do feminino é o segundo mesmo. O feminino é que é a possibilidade. É o sim de Maria, é ela dizendo ao Senhor que sim, que pode. Eu vejo o Espírito Santo como feminino. [...] e o poder maior do feminino é porque a mulher deixa fazer” (idem p. 38).

Dessa forma, Adélia faz uma distinção entre feminismo e feminino. Ela descreve a mulher como ser que precisa de autonomia, que deve ter direitos iguais e, portanto, independente. A mulher adeliana é livre para fazer suas escolhas, pede licença aos poetas (Com licença poética) para escrever de igual para igual; ou seja, é definida a partir de “características marcantes do universo cultural feminino, de cujo lugar ela constrói uma poética centrada na revelação da transcendência que existe nos pequenos atos cotidianos, na utilização da linguagem coloquial, como instrumento e como objeto de sua poesia” (QUEIROZ, 1994, p. 29).

Inicialmente, em sua carreira de poeta, Adélia não teve o mesmo destaque que os homens na literatura, mas, aos poucos foi conquistando seu espaço e tornou-se símbolo de admiração de alguns poetas, a exemplo de Ziraldo: “Ah, se eu tivesse nascido mulher e tivesse o enorme talento e a incomensurável capacidade de inspirar-se que ela tem, eu seria a Adélia Prado” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000, p. 17).

Assim, ela conquista o universo literário, incorporando à poesia uma bagagem de conhecimentos e vivências, que serão ao longo de sua trajetória de suma importância

para coroá-la poeta, quebrando muitos preconceitos e mitos de uma sociedade machista, que, muitas vezes, não valoriza a posição da mulher enquanto ser humano.

O eu lírico adeliانو nos oferece um diálogo com a sociedade vigente afirmando características distintas e travando esse “diálogo com uma tradição de poetas masculinos e a explicitação de sua diferença através de um sujeito lírico cujas marcas de feminino organizam-se pelo conjunto de práticas socialmente definidas como tal” (QUEIROZ, 1994, p. 17).

Um tema presente na obra de Adélia é o sensorialismo, em que, através de várias imagens ela aborda as questões de cheiros, gostos, visão, formas, cores, atribuindo também um papel relevante à memória. Para o eu lírico adeliانو, o tempo tem três divisões distintas, metaforizado na passagem do dia: “[...] Divido o dia em três partes: a primeira pra olhar retratos, a segunda pra olhar espelhos, a última e maior delas, pra chorar [...]” (PRADO, 2006, p. 28).

Observamos nesse fragmento a realidade do tempo que divide a vida do ser humano em fases distintas como, juventude, amadurecimento (fase adulta) e velhice e as imagens metafóricas, olhar retratos e olhar espelhos nos remete as vivências cotidianas decorridas ao longo da vida.

Na infância nada importa e as preocupações quase não existem, contudo, em certa fase da vida os problemas vão aparecendo, o que nos remete ao estágio do espelho colocado por Lacan como sendo a passagem do “Imaginário” para o “Simbólico” e que por meio dessa transformação o sujeito adquire sua subjetividade. É na medida em que ao passar “por um estágio no qual a imagem externa de seu **corpo**, refletida num espelho, produz uma resposta psíquica que faz surgir uma representação mental do ‘eu’” (BONNICI, 2007, p. 79 grifo do autor).

Por meio do espelho o sujeito estabelece relações externas com o outro através da linguagem e das relações sociais em um processo recíproco de significações, o “eu - ideal” é a conquista que esse sujeito tentará alcançar ao longo da vida e o outro lhe fornecerá os subsídios necessários para o desenvolvimento das questões subjetivas. “Portanto, o estágio do espelho é uma encruzilhada na cronologia do ser” (idem, p. 80). Neste prisma, o espelho em Adélia pode representar a situação feminina, conflito entre o sujeito, que pode ser a velhice, ou a posição que a mulher tem ou deseja ter diante de uma sociedade patriarcal.

Por outro lado, olhar espelhos poderá também demonstrar a preocupação com a chegada da velhice, em que a própria Adélia afirma ser dolorosa. Quando indagada

sobre a passagem do tempo ela diz lidar mal com isso: “Ficar feia é de amargar! Para mim é difícil lidar com a proximidade da morte” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000, p. 34).

Ao longo de sua trajetória escreveu várias obras entre poesia e prosa, tendo, sua escrita, traços distintos de uma poética cotidiana, religiosa e erótica. Os elementos transcendentais permeiam o universo adeliانو e em seus versos encontram-se o valor da linguagem, e oculta, as metáforas como imagens simbólicas, conduzem o leitor para os extremos da imaginação. E, nesse mundo imaginário, “a imagem ideal deve seduzir por todos os nossos sentidos e deve nos mobilizar mais além do sentido que está mais manifestamente envolvido” (BACHELARD, 1990, p. 63).

3 “A POESIA ME SALVARÁ”: TRANSGRESSÃO PATRIARCAL E RESGATE DA CONDIÇÃO HUMANA

“O exercício da obra literária significava a observação do mundo, a reflexão criadora, o estímulo à imaginação e à libertação da mente. A mulher escritora trabalhava na construção da sua alma, dando um significado à própria existência” (MIRANDA, 2000, p. 131). Foi o que suscitou na mulher o exercício literário do fazer poético como afirma Miranda. Com a sua entrada na literatura, a mulher passou a ter outra visão de mundo, a pensar em si, na sua própria existência, e essa reflexão se deu por meio da arte, confirmando, também, o pensamento gullariano que diz: “a arte é muitas coisas. Uma das coisas que a arte é, parece, é uma transformação simbólica do mundo” (GULLAR, 2003, p. 107).

Essa transformação se deu em âmbito mais profundo, quando a mulher passou a compreender a essência da sua condição humana, quando passou a rejeitar os valores patriarcais e machistas e começou a exercer sua liberdade espiritual e sua imaginação criadora. Numa sociedade totalmente masculina, as mulheres resistem aos apelos formais da época e conseguem se sobressair no campo do poético.

Diante desse universo de desvelamento é que a literatura praticada por Adélia se encaixa. Ela revela a espontaneidade da mulher simples, fala do cotidiano, de sexualidade, do corpo, e também das maravilhas de Deus. Realmente, uma dama “requintada e esquisita”, que ultrapassa as barreiras do “politicamente correto” de seu tempo e move-se por universos extremos e delicados da sociedade.

Esta é, na verdade, a grande novidade que a literatura de Adélia Prado trouxe à literatura brasileira e, neste sentido, também não deixou de ser epifânica, porque passou a revelar, em voz alta, através de seu texto, aquilo que a leitora sentia, pensava e imaginava, mas era incapaz de expressar nem mesmo em voz baixa (HOHFELDT, 2000, p. 118).

Dessa forma, Adélia abre espaço para a realidade feminina, para uma desalienação do seu próprio corpo e de suas funções. Não só a maternidade é resguardada à mulher, mas sua autonomia nas escolhas, gostos e decisões, sem, no entanto, deixar de lado o aspecto religioso, onde Deus é presença viva e constante.

Surge assim, um outro universo feminino, em que a liberdade individual começa a ser preservada e a sociedade tende a ver essa mudança. A mulher começa a ser “desdobrável” no sentido literal da palavra, é mãe, esposa, dona de casa, trabalha, estuda e ainda escreve. Dessa forma, desvela-se

um mundo onde cabe a mulher na sua plenitude, ativa, profunda, dominante, inabalável, desdobrável, requintada e esquisita, impecável, sexual, sagrada, mulher que se desnuda, que tem seios, vestidos, sonhos, batom, mulher bíblica, vaidosa, bonita, que reza, copula, morre de amor, chora, perfuma a noite, deseja a fome, cumpre suas obrigações paroquiais, trabalha e ganha dinheiro, põe fogo no lixo, tem o coração oprimido pelo júbilo da existência (MIRANDA, 2000, p. 132).

Nesse mundo, de múltiplas escolhas, a vida feminina desponta sob os olhares de uma sociedade perplexa pela força da mulher que passa a ocupar os diversos âmbitos da vida social, ultrapassando, assim, as dificuldades apresentadas ao longo da história. E, frente a esse contexto, a poesia surge nas palavras do eu lírico adeliano como forma de salvação. “A poesia me salvará. Falo constrangida porque só Jesus Cristo é o salvador [...]” (PRADO, 2006, p. 63).

Contudo, é válido salientar, que a dominação da mulher se deu também sob o aspecto religioso, em que a tradição ao catolicismo condicionava a mulher simplesmente à obediência ao marido. Presa a essa sociedade, a mulher se via submissa por meio do pecado, e, inserida na sua cultura religiosa, era proibida até mesmo de pensar de forma livre. Sua vida era condicionada a valores morais e religiosos, em detrimento de um Deus cuja face era de castigo pelo pecado humano.

Para o eu lírico adeliانو, a salvação se dá também por meio da poesia: “[...] ela me salvará. Não falo aos quatro ventos, porque temo os doutores, a excomunhão e o escândalo dos fracos. A Deus não temo. Que outra coisa ele é senão Sua Face atingida da brutalidade das coisas?” (idem p. 63). Dessa forma, a mulher passa a temer a própria sociedade e seus valores morais e não aos castigos divinos, e escrever poemas não a torna mais pecadora, pelo contrário é redenção para a sua alma.

A poesia de Adélia vem mostrar um Deus humanizado, que se faz presente no espaço poético, um Deus que é a própria encarnação da humanidade. Segundo a autora, a poesia e a religião possuem as mesmas categorias, as duas estão voltadas para a visão de revelação e mistério e por isso são epifânicas. Em respostas aos Cadernos de Literatura Brasileira, ela afirma: “Sim, a poesia é isso: revelação, epifania, parusia [...] Um estado de graça” (p. 31).

Para Adélia, a experiência religiosa é também poética, ou vice versa, poesia e fé tomam o mesmo caminho, visto que são experiências comuns à natureza humana. O misticismo metafórico dos textos religiosos se assemelha as metáforas da poesia por meio da linguagem e torna-se algo interno, que é a própria significação. “Tudo permeado por Deus – é assim a obra de Adélia Prado. Uma poética litúrgica, que induz o leitor a se indagar como ser no mundo” (FREI BETO, 2000, p 122).

No entanto, a religião não a cega, ela é livre para pensar e até mesmo criticar a própria Igreja em sentido profundo. Quando algo não lhe agrada ela “solta os cachorros” e fala a “boca grande”, combatendo ao machismo dentro da própria instituição a qual pertence como sinal de uma não alienação a realidade de sua época.

[...] Então, eu virei pra sua Excelência e pedi filialmente: me deixa dar catecismo, senhor meu Pastor. Não, ele me disse, não. [...] A messe é grande, eu dizia. Não, ele falava. Os operários poucos, eu dizia. Não ele falava. [...] Nomeou eu não, nomeou foi professor homem. Enfarei de cortesia, porque eu quero brigar, quero dizer, discutir com ideias fortes e o que acontece é que me abrem e me deixam passar brandindo e humilhada. ‘Vá se queixar ao bispo’, eu sei bem o que é. Ser mulher ainda dificulta muito as coisas. Muita gente boa ainda pensa, em pleno século quase vinte e um, que mulher é só seu oco. Fosse só assim, a gente não tinha coração nem cabeça, precisava nem ser batizada. Mas digo que tem e igualzinha a dos homens: boa e ruim. Jesus, muito mais antigo que nós, entendeu isso direitinho [...] (PRADO, 1991, p. 30).

Percebemos, nesse fragmento, que o eu lírico adeliano luta pela libertação da mulher enquanto ser humano, capaz de competir de igual para igual com o masculino, visto que, na criação divina todos têm os mesmos direitos. O próprio Jesus não fez distinção entre, por exemplo, Zaqueu e Maria Madalena, tratando-os indiscriminadamente em suas condições de gênero para o perdão dos pecados.

Nesse sentido, a mulher situa-se no mesmo nível de hierarquia do homem, e quem faz essa distinção é a sociedade, regulando o conhecimento em nível de gênero. Surge, assim, a crítica à própria Igreja, que, conhecedora das Escrituras Sagradas, rende-se ao patriarcalismo cultural, social e religioso e acaba por excluir a mulher enquanto ser humano e filha da mesma Criação Divina, como podemos perceber na finalização do texto: “Também sou filha de Deus, uai” (idem p. 31).

Para uma mulher totalmente religiosa, filiada a Ordem Terceira de São Francisco de Assis, devota aos valores do catolicismo, a admissão no mundo literário tornou-se difícil, considerando que, além da “carne incorruptível” ela queria muito mais: “o sol numa tarde com tanajuras, / o vestido amarelo com desenhos semelhante urubus, / um par de asas em maio e imprescindível, / multiplicado ao infinito, o momento em que / palavra alguma serviu à perturbação do amor [...]” (PRADO, 2006, p. 44). Ou seja, ela queria, além do divino, o humano e o profano, tão deliberadamente reprimido.

Podemos perceber em Adélia, a partir da leitura de seus poemas, uma forte característica religiosa. A busca pela existência humana condiz com o aspecto do homem religioso, que “assume um modo de existência específica no mundo” (ELIADE, 2001, p. 164), bem como, com sua formação acadêmica em filosofia, em que a própria Adélia afirma ter cursado para “escovar o pensamento”. A procura pela condição humana a faz refletir sobre vários aspectos, e o Divino é tematizado em sua criação poética como forma de interiorização da natureza e de seu próprio habitat.

Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o *sagrado*, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade (ELIADE, 2001, p. 164).

Todavia, Eliade define o sagrado como sendo uma oposição ao profano, em que, este último, caracteriza-se por fatos comuns, corriqueiros e que necessitam de

significado especial em nossa vida. Já o sagrado apresenta-se de forma particular, é incomum, especial, absoluto e definitivo. Assim, o homem entra em contato com o sagrado na medida em que este, nas interações cotidianas, se manifesta em sua vida e se diferencia do profano, através do processo de dessacralização.

A relação entre o sagrado e o profano repercute nos poemas adelianos formando um elo entre a religiosidade e o erotismo. São “tecidos da mesma peça, da mesma cor”, e, inseparáveis em sua poética, causa impacto aos “doutores da Lei, **que** estranhados de fé tão ávida, / disseram delicadamente: / vamos olhar uma nova possibilidade de exegese / desse texto. Assim fizeram. / Ela foi admitida; com reservas” (PRADO, 2006, p. 44 grifo nosso). O contexto nos remete a sociedade patriarcalista que não permitia à mulher sua liberdade de expressão e muito menos opiniões que fugissem aos padrões da moral e bons costumes.

A poética de Adélia traz um cotidiano simples, mas, vivido intensamente. O Deus colocado em seus poemas é Divindade, é Mistério, ao mesmo tempo em que é humano e erotizado. Por isso, a junção entre poesia e religião, entre o profano e o sagrado confere aos seus escritos a visão de um Deus humanizado, cuja face é amor, compreensão, misericórdia pela condição humana, diferentemente da tirania, do castigo e da opressão do pecado pregado pela Igreja desde os seus primórdios.

Para o eu lírico adelião, não há uma separação legítima entre Deus, Ser Supremo, e a poesia, linguagem, em que, nessa última, ele recusa-se a acreditar ser inventada pelos homens, A linguagem poética vem de Deus ou é o Próprio que se faz em poesia. “[...] Recuso-me a acreditar que homens inventam as línguas, / é o Espírito quem me impele, / quer ser adorado / [...]” (PRADO, 1991, p. 325). Dessa forma, não há uma distinção entre essas dimensões, pois, “quem entender a linguagem entende Deus” (PRADO, 2006, p. 20).

Na concepção de Otto, o Sagrado apresenta características especiais que o distinguem de todas as outras realidades. Entre essas características, salientam-se a numinosidade (numen = divindade), o misterioso, a majestade, o fascínio e, também o medo, o respeito e a reverência. Com isso, Otto quer dizer que o homem, diante do Sagrado, experimenta um duplo movimento espiritual: de um lado, o medo, o respeito, a reverência e, de outro, a atração, a alegria, a confiança (OTTO 1966 apud JORGE, 1994, p. 30).

Sendo assim, podemos observar alguns desses sentimentos descritos por Otto e vivenciados através do eu lírico adeliano. A Divindade se faz homem, vive no meio de nós, habita os lugares terrenos e por meio dele vivemos em constante união filial. Jesus é humanizado e invocado e por meio de Deus Pai se faz presente. “[...] A paciência de Deus sentou de pernas cruzadas / na platibanda da igreja. / com uma mão pitava, / com a outra segurava o joelho, [...]” (PRADO, 1991, p. 218).

Podemos perceber o aspecto humano de Deus no modo de permanecer sentado, segurar o joelho e pitar. Na visão franciscana Deus está presente em cada ser; então, podemos compreender que, aqui, Deus é o próprio homem em tal situação, pois aos olhos da fé, Ele é visualizado no semblante de cada um e na sua simplicidade de espírito, o que no pensamento de Otto interpretamos como sendo a alegria, a atração, a confiança no Ser Supremo – Deus. Ver na figura de alguém a presença fiel do Senhor é sinônimo de manifestação, de glória e causa arrebatamento, louvação, êxtase, é o Sagrado que transcende o humano.

Por outro lado, há o respeito, a adoração, a reverência, o temor, por um Deus que tudo pode. A súplica pelo perdão dos pecados que, em versos adelianos diz: “[...] Mais Deus nos perdoará, / Ele que sabe o que fez: ‘homem humano’. / a boca que comeu e mentiu come Seu Corpo Santo. / Eu não sei o que digo, / mesmo se o que falo é: / Não sou digno, Senhor. [...]” (PRADO, 1991, p. 219).

No contato homem/Deus, fica clara a relação do homem com o pecado, no qual o ser inferior - homem - precisa da misericórdia do Ser Superior - Deus - para perdoar-lhes os pecados. O ato humano “a boca que comeu e mentiu” precisa da compaixão do Altíssimo para ganhar a redenção, e o ato de confessar que não é digno de comer o Corpo de Deus mostra a obediência, o temor e o respeito pelo ato religioso.

Compreende-se, então, que o homem possui os dois lados, ou seja, “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história” (ELIADE, 2001, p. 20). Dessa forma, envolvida nesse manto duplo de significações, a poética adeliana se compõe por silêncios velados entre o cotidiano e os espaços poéticos, denunciando um olhar mais apurado sobre a condição feminina, que busca, no mundo literário, um lugar ao sol.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem literária, transformada em matéria de poesia, e colocada pelo eu lírico adeliانو, nos mostra a força da mulher em uma sociedade ainda dominada pela tradição patriarcal. Uma sociedade em que prevalece a dominância masculina e não admite a mulher uma abertura para que possa mostrar o seu valor enquanto ser humano. O ser mulher na década de 70 implicava em obediência ao marido, à igreja e aos demais seguimentos sociais. O eu lírico adeliانو desmistifica essa posição e tenta mostrar que a mulher é digna sim, de fazer poesia e ao mesmo tempo ser mulher, mãe, dona de casa, boa esposa, ou seja, uma mulher “desdobrável”.

O discurso poético/religioso em Adélia traz esse diferencial. Uma mulher que ao mesmo tempo em que não despreza a condição masculina como ser superior e cabeça da família, se impõe e mostra sua força por meio da poesia, nem que para isso use de subterfúgios como as metáforas, a linguagem simbólica. Ela camufla situações até então reprimidas deixando subtendida em suas linhas os desejos femininos, pois da mesma forma que expõe seus anseios, o faz com tamanha sutileza que será necessária certa perspicácia para desvendá-los.

E assim, o eu lírico adeliانو mostra que a mulher tem desejos próprios e só trata os peixes com o marido por que quer; só se levanta no meio da noite por que tem desejos próprios e intenções claras de perpetuar seu amor (poema Casamento). Um amor que não é imposto, mas, dividido mutuamente.

Apesar das imposições sociais e da posição da igreja sobre a condição da mulher, os poemas adelianos falam de coisas profanas e mistura o sagrado numa dimensão erótica e desejada. O Deus pregado pelo eu lírico é humanizado e por isso se faz entender como aquele que perdoa e que não distingue as pessoas pelo gênero, mas sim, por entender o lado humano com direitos iguais para todos.

Dessa forma, está metaforicamente posta no discurso poético de Adélia, a igualdade de gêneros, sem discriminar nem um nem outro, mas, dando a cada um seu real valor e deixando claro que no plano Divino as partes se completam. Ou seja, é um sentido de completude, de igualdade entre homens e mulheres sob uma mesma condição de seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. “De animais, santo e gente”. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**: Adélia Prado. Nº. 9. São Paulo: Instituto Moreira Salles, junho de 2000.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A poética do devaneio**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Adélia Prado. Nº. 9. São Paulo: Instituto Moreira Salles, junho de 2000.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. (Tradução Rogério Fernandes). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREI BETTO. Adélia nos prados do Senhor. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**: Adélia Prado. Nº. 9. São Paulo: Instituto Moreira Salles, junho de 2000, p. 121 - 127.

GULLAR, Ferreira. **Argumentação contra a morte da arte**. 8. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

HOHLFELDT, A. A epifania da condição feminina. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**: Adélia Prado. Nº. 9. São Paulo: Instituto Moreira Salles, junho de 2000, p. 69 - 120.

JORGE, Pe. J. Simões. **Cultura Religiosa**: O Homem e o Fenômeno Religioso. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MIRANDA, Ana. Um rosto marcado pela história das mulheres. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**: Adélia Prado. Nº. 9. São Paulo: Instituto Moreira Salles, junho de 2000, p. 128-132.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. **Bagagem**. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

QUEIROZ, Vera. **O vazio e o pleno**: a poesia de Adélia Prado. Goiânia: Editora da UFG, 1994.